



COLÉGIO JOÃO PAULO I - UNIDADE SUL
INTRODUÇÃO À METODOLOGIA CIENTÍFICA 2022
TURMA: 9ºA

A Verdade Em Diferentes Perspectivas Da Filosofia

Aluno: João Henrique Lucena

Orientador: Guilherme Leite

Porto Alegre/RS

2022

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 3 |
| Justificativa | 5 |
| Objetivos | 5 |
| 2. METODOLOGIA | 6 |
| 3. RESULTADOS | 7 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 14 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 15 |

1. INTRODUÇÃO

A palavra “verdade” é um termo que, desde a Grécia Antiga, vem sendo utilizado para representar a clareza, a ausência de mentiras e ilusões, a realidade dos fatos etc. Entender o conceito da palavra é algo simples, porém, quando se reflete um pouco, torna-se inevitável o questionamento: o que define essa realidade? Essa dúvida passou pela cabeça de diversas pessoas durante a história, e múltiplas conclusões para ela foram alcançadas. Algumas delas podem ser separadas em absolutas e relativistas (Dicionário Online de Português, 2020).

Uma ideia de verdade absoluta defende a existência de uma realidade concreta não apenas no funcionamento da matemática e da técnica, mas também da ética e da moral. A convicção absolutista da verdade afirma que ela é inquestionável. Essa corrente filosófica é também chamada de dogmatismo, e, até hoje em dia, é muito presente na sociedade (Hessen, 1999).

No lado oposto à verdade absolutista, encontra-se a relativista, cuja principal diferença em relação à primeira é a negação de uma realidade comum que não possa ser alterada por uma dissonância de perspectiva. Sendo assim, a verdade relativa defende a diferenciação entre visões, culturas e moral. Isso possui certa ligação com o criticismo kantiano - doutrina que defende a crítica do conhecimento como principal método de obtenção dele mesmo. As duas visões estão muito presentes na nossa sociedade há muito tempo, e diversos pensadores já manifestaram suas ideias pelo debate filosófico, científico e religioso (Hessen, 1999).

Além dos conceitos de verdade propostos pelos relativistas e dogmáticos, existe também a visão cética sobre a verdade, comumente associada ao niilismo¹, ao existencialismo² e ao absurdismo³. As ideias céticas discordam de uma verdade absoluta e acabam se relacionando com o relativismo. Entretanto, nem todo cético é

1 O niilismo, neste contexto, refere-se ao niilismo existencial de Arthur Schopenhauer. As ideias niilistas vão contra qualquer ideia essencialista, ou seja, que afirme que a existência possui algum sentido intrínseco. Além disso, o niilismo se opõe às ideias de que é possível dar sentido próprio para a existência.

2 O conceito de existencialismo surgiu com Friedrich Nietzsche, e foi mais desenvolvido depois por Jean-Paul Sartre. O existencialismo, diferentemente do niilismo, defende que é possível dar sentido próprio a uma existência sem sentido.

3 O absurdismo é uma ideia filosófica que expressa a aceitação de todo o absurdo. Define-se como absurdo a busca incessante e a falha do ser humano por um sentido inerente à existência. Essa filosofia almeja aceitar este absurdo. Albert Camus, o criador do absurdismo, afirma que a própria busca por um sentido ou aceitação é o suficiente para trazer a felicidade mediante o sofrimento.

relativista, e muitos deles baseiam as suas concepções de verdade em seus sentidos, na experimentação e na reflexão sobre a razão (Haguette, 2013).

A arte de uma boa argumentação é chamada de retórica, e é de suma importância para o ser humano, um ser social e político. Os sofistas defendiam muito a retórica e utilizavam-na como um dos principais temas de suas aulas de oratória e política na Grécia Antiga. Com sua posição relativista, eles afirmavam que tudo poderia se tornar verdade perante o povo, contanto que fosse dito de forma astuta durante um debate ou discurso (MARCONDES, 2000).

Os racionalistas misturavam uma visão de verdade absoluta com um ceticismo de crenças baseadas na religiosidade, no misticismo e na pseudociência. Para os racionalistas, a razão e a intuição lógica eram o que poderia levar o ser humano até a verdade. Eles apoiavam, entre outras coisas, a experimentação e os debates filosóficos em busca da razão. O racionalismo teve o seu auge no período iluminista, e recebeu grande influência de René Descartes.

Além desses modelos filosóficos que valorizam e põem em prática o debate para a busca da verdade, existem muitos outros que também o fazem. A filosofia auxiliou a sociedade de diversas maneiras - de forma política, prática, teórica etc. Com este trabalho, será compreendido como a retórica e as diferentes percepções de verdade poderiam ajudar a moral humana a alcançar um desenvolvimento cada vez mais positivo. (MARCONDES, 2000).

JUSTIFICATIVA

“O problema do mundo de hoje é que as pessoas inteligentes estão cheias de dúvidas, e as pessoas idiotas estão cheias de certezas.” (Bertrand Russell, 1872 - 1970). A frase do filósofo e matemático, Bertrand Russell, descreve muito bem a mente de uma quantidade considerável de pessoas nos dias de hoje. É natural que muitos pensem que são extremamente inteligentes, que possuem mais conhecimento do que a média, e que são muito mais esforçados do que os outros. Porém, a realidade tende a ser cruel. Um estudo proposto em 1999, feito pelos psicólogos David Dunning e Justin Kruger, comprovou que as pessoas que não possuem tanto estudo e/ou conhecimento em certa área têm a tendência de

superestimar as suas habilidades e conhecimentos sobre o assunto. Enquanto isso, pessoas muito inteligentes e experientes nesses assuntos costumam subestimar os seus conhecimentos na área, por entenderem a sua complexidade.

Tudo é muito mais complexo do que parece. Por exemplo, para a produção de uma simples joia são necessárias, em média, 10 etapas, sendo que a maioria requer grande cuidado, atenção e leveza. Isso não se aplica apenas a áreas de trabalhos manuais, e sim também à biologia, à química, à psicologia, à sociologia, à filosofia etc. A verdade é uma palavra com sentidos e discussões muito mais profundos do que a maioria vê. Alguns pensam que ela é algo absoluto, inquestionável, ou até mesmo divino; outros pensam que ela é algo relativo, indefinido, e maleável. Porém, as visões desse assunto são muito distintas umas das outras, e isso acaba fazendo com que uma divisão muito grande seja feita entre o povo, divisão essa que apenas os distancia da pergunta: o que é a verdade? Em razão disso, este trabalho busca mostrar diferentes conceitos de verdade, levando em conta várias perspectivas, crenças e visões.

OBJETIVOS

- Geral:

- discutir diferentes perspectivas sobre a verdade a partir de distintas reflexões.

- Específicos:

- entender como o conhecimento da filosofia pode ajudar o progresso da nossa sociedade.

2. METODOLOGIA

A pesquisa do presente trabalho foi realizada a partir do estudo de livros e de artigos de filosofia encontrados nas plataformas Google Acadêmico e SciELO, e foi essencialmente qualitativa, básica e descritiva. Para a obtenção de resultados, os nomes de escolas, de modelos e de conceitos filosóficos foram filtrados na pesquisa. Alguns desses foram: racionalismo, empirismo, criticismo kantiano, existencialismo, sofismo etc. Os pensadores que tiveram mais foco no trabalho foram: Sócrates, Aristóteles, Platão, Friedrich Nietzsche, os sofistas, Immanuel Kant, John Locke e René Descartes.

3. RESULTADOS

Antes dos pensadores modernos, outros filósofos já haviam pensado sobre o conceito de verdade. Entre eles, estavam os pensadores socráticos: Sócrates, Platão e Aristóteles - estes sendo filósofos dogmáticos. Os três focam na área da filosofia conhecida como epistemologia, ou seja, contribuem, principalmente, com o estudo do que é o conhecimento e com os seus métodos de obtenção. Sócrates é considerado por muitos o pai da filosofia ocidental; mesmo não a tendo criado, ele abordava os temas de uma vida virtuosa como principais pontos de debates filosóficos. Por mais que o ponto fundamental de sua filosofia não fosse dar uma resposta determinante para a questão do tipo de verdade, ele a considerava como absoluta e utilizava a dialética⁴ como método de obtenção desse conhecimento.

Aristóteles, mais conhecido como Platão, foi o discípulo de Sócrates que mais recebeu destaque no círculo principal da filosofia ocidental e, assim como seu mentor, possuía um ponto de vista filosófico que pode ser caracterizado como dogmático. Após a morte de seu mestre, Platão tomou para si a tarefa de passar o conhecimento e as ideias filosóficas de seu mentor para as futuras gerações. Seu livro, Apologia de Sócrates, evidencia tal feito e apresenta diversos diálogos protagonizados pelo seu professor. Com o tempo, o discípulo de Sócrates desenvolveu as suas próprias ideias filosóficas, mas ainda manteve seus antigos ensinamentos.

Platão defendeu, mesmo com a falta de aceitação de muitos outros filósofos de sua época de vida (427 a.C - 347 a.C), as suas ideias com intensidade na Grécia Antiga. Com base em uma forma de pensamento de um racionalismo arcaico⁵, ele chegou à conclusão de que o nosso mundo seria como um reflexo imperfeito de um outro plano - inalcançável fisicamente pelo ser humano - que comportaria formas e ideias perfeitas e representaria a ordem intelectual e física do universo. O nosso mundo seria o das sombras, um intermédio entre caos e ordem, que, ao contrário do mundo de formas (ou mundo das ideias), seria composto por imperfeição e derivação disforme em relação ao primeiro. Platão também acreditava na divisão do ser humano em corpo e alma, e afirmava que o ser humano possuía a ambição inevitável e primordial pela perfeição presente no mundo das formas, e que essa

4 Método argumentativo que consiste em questionar certas afirmações a partir de uma perspectiva imparcial e dotada de mera ignorância de qualquer conhecimento prévio sobre tal assunto. A dialética tem como objetivo quebrar certas pressuposições a partir das próprias contradições criadas por elas mesmas, e, assim, conseguindo chegar à verdade sobre o assunto.

5 A palavra "arcaico" é ressaltada aqui, pois o movimento racionalista só surgiu, de forma definitiva, no século XVII.

busca acontecia por causa da nossa alma, que queria retornar ao seu local de origem.

Ideias muito importantes para a epistemologia surgiram com Platão, e a sua abordagem racionalista marcou a história da filosofia. Além disso, diversos filósofos se inspiraram em suas ideias e as aplicaram em suas próprias correntes filosóficas. Um grande exemplo de pensador que “herdou” a forma de pensamento do platonismo foi Santo Agostinho, que aplicou as ideias de Platão à religião católica. Aristóteles foi discípulo de Platão e, apesar de não ter concordado com grande parte de suas ideias (principalmente da forma de pensamento baseada na racionalização ao invés de métodos empíricos), adquiriu grande respeito por seu mestre.

Por mais que Platão tenha sido um importante filósofo para a compreensão do pensamento epistemológico socrático da época, é difícil não relacionar as suas ideias com crenças dogmáticas intuitivas e supositórias. A sua filosofia, ironicamente, parece ser uma sombra que se manteve presa à de seu mestre, Sócrates, e que alguns pensamentos do mentor em seus diálogos foram distorcidos para ficarem favoráveis às ideias do próprio Platão.

Na academia de Platão, havia diversos estudantes que compareciam às aulas que ali eram dadas. Entre eles, estava Aristóteles, um homem sábio, mas com uma abordagem bem diferente da de seu mestre: a abordagem empírica. Nessa época, em Atenas, já existiam diversas abordagens para a filosofia; porém, foi a partir de Aristóteles que surgiu o método de obtenção de conhecimento baseado nos sentidos e nas experiências, o empirismo em seu “estado primordial”.

Por mais que as ideias de Platão e Aristóteles fossem antagônicas, com um defendendo a verdade como algo que só poderia ser alcançado com a reflexão pura e o outro defendendo a racionalização acerca das experiências adquiridas pelas sensações que são transmitidas ao ser humano, os dois filósofos possuíam um respeito mútuo. Aristóteles, mesmo sendo um dos maiores críticos da filosofia platônica, tornou-se professor na Academia de Platão, porém renunciou ao seu cargo e partiu em estudos próprios do que viria a ser o silogismo aristotélico. Mais tarde, ele também foi professor de Alexandre, o Grande, demonstrando alto grau de conhecimento e de credibilidade por suas pesquisas e ideias.

Sócrates, Platão e Aristóteles apresentam uma versão absoluta de verdade apesar de diferir fortemente no que diz respeito ao quesito metódico para a conclusão de seus estudos. Pode-se dizer que o conhecimento desses três serviu

como base para muitos outros pensadores da posteridade, principalmente do renascentismo e modernismo. Sócrates mostra uma versão simples e pragmática da verdade; Platão defende um ideal muito mais intuitivo e que visa à perfeição, principal objetivo de sua filosofia; Aristóteles prefere uma maneira metódica e douta para seus estudos.

Um pouco antes do período socrático, havia um pensador que, assim como Sócrates, encontrava seu próprio conceito de verdade em meio a diálogos práticos. Este era Protágoras, um sofista da Grécia Antiga que tratava a retórica como o ponto-chave de seu pensamento. O princípio de sua filosofia era de que a verdade estava no homem, nas suas crenças e nas suas visões de mundo, e que aquele que pudesse convencer os outros de que certa convicção estava correta tinha acabado de encontrar uma verdade.

Esse ponto de vista causou diversas revoltas na época, já que a vida em Atenas contemplava diversos dogmas relacionados a deuses mitológicos absolutos e que não poderiam ser contraditados pelo homem. Porém, o pensamento de Protágoras foi essencial para tratar de temas subjetivos e pessoais, mostrando que a verdade pode ser relativa em aspectos conectados ao indivíduo e a suas próprias percepções de realidade. Por exemplo: é impossível determinar se algo é forte ou fraco sem identificar o objeto de estudo em que a força está sendo imposta; portanto, isso é relativo. Ao mesmo tempo, muitas coisas não podem ser simplesmente medidas por uma perspectiva, como a lógica e a matemática. Com isso em mente, é visível que, em pontos específicos, a verdade possui um cunho relativo quando o ser ou o objeto é colocado em um contexto específico que assim necessite.

Durante a Idade Moderna, a filosofia estava vivendo um contexto crucial para toda a história do pensamento humano, a época em que se tornou perceptível o fato de que, para chegar a resultados oriundos do estudo, seria necessária a utilização de um método padrão visando à aquisição de conhecimento seguro. Com isso, diversos pensadores começaram a elaborar métodos para a possível realização desse objetivo. Um filósofo que obteve destaque nesse período foi René Descartes, considerado por muitos o pai do racionalismo moderno. Suas principais ideias eram as de que os sentidos não poderiam receber confiança total, pois nada os impediria de serem ferramentas enganosas que ofuscariam a verdade absoluta.

Para René Descartes, a forma mais confiável para o ser humano conseguir informações transparentes era a reflexão crescente, ou seja, passando por um processo de desenvolvimento cronológico e descobrindo as coisas mais simples primeiro, e, só após isso, passando para os temas metafísicos mais complexos. Seguindo essa linha de pensamento, Descartes mostra o que é chamado de “A Primeira Verdade”, que é a certeza da existência. A forma que ele usa se baseia em uma ideia, na verdade, bem simples. Se não podemos ter certeza de nada por conta de nossos sentidos, que são enganosos, então, quantificadamente falando, as possibilidades de realidade seriam infinitas, ou seja, tudo seria passível de acontecer. Levando isso em conta, seria possível que tudo o que o ser humano acredite fosse, realmente, uma mentira manipulada por um “gênio maligno” (segundo os termos usados pelo filósofo). Essa possibilidade causaria uma dúvida no humano, que questionaria se suas ideias eram mesmo válidas. A questão é que essa dúvida é um pensamento, e, para duvidar, é preciso, primeiro, existir. A partir dessa reflexão, René Descartes chegou à conclusão de sua famosa frase: “Penso, logo existo”. A conclusão de Descartes tomou demasiada repercussão desde que foi alcançada, e diversos filósofos chegaram a discordar de forma intensa das suas ideias ao longo dos anos. Alguns neurologistas também fizeram parte do grupo que contradisse os pensamentos racionalistas, alegando que os sentimentos e as emoções também eram partes importantes das concepções humanas e que deveriam ter tanto foco quanto a própria razão utilizada por esses pensadores.

John Locke, por sua vez, foi um filósofo empirista, que foi completamente contra as ideias de que conhecimentos inerentes poderiam existir no ser humano. Muito pelo contrário, ele afirmava que elas surgiam de percepções humanas simples, que se relacionavam com os 5 sentidos. Essas percepções eram adquiridas desde a nascença e, com o passar do tempo, era possível apreender o funcionamento das coisas ao redor dos humanos. Portanto, apesar de Locke ter sido contra a convicção da existência de ideias inatas, ele acreditava que habilidades inatas eram muito presentes, e que, por causa delas, o processo de raciocínio e pensamento eram possíveis. Aliás, o seu pensamento foi de extrema importância para o desenvolvimento do método científico e os motivos da sua presença na sociedade.

Além das ideias simples que John Locke apresentou, também existiam as ideias complexas, que eram aquelas que eram obtidas a partir de outras. Fazendo

uma breve analogia, as ideias complexas seriam como a Lei de Lavoisier na química: “Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Concluindo, as ideias simples seriam como elementos, que se transformam e se misturam para criar novas ideias. Esse ciclo se seguiria com a mistura das ideias complexas e assim por diante. O conhecimento em Locke, então, seria a própria junção de ideias originadas de experiências sensoriais.

Após explicar esse processo de aprendizado da junção de percepções e ideias, John Locke esclarece que as relações entre elas são difundidas na sociedade, fazendo com que várias pessoas aprendam tais ideias a partir de outras. Esses conhecimentos se espalham ainda mais e formam uma espécie de senso comum entre o povo, que passa essas informações adiante para as futuras gerações. Esse conceito é chamado por Locke de convenções sociais, e explica, em sua filosofia, como a sociedade passa a conhecer o mundo a sua volta.

Para Immanuel Kant, questões da metafísica (como a existência de Deus, o conceito de liberdade, de imortalidade, de verdade) possuem um grande erro em sua racionalização. O pensador segue o seu raciocínio afirmando que as tentativas de responder a esses questionamentos de forma absoluta surgem da ambição instintiva do ser humano pela perfeição, nestes casos, por teorias que possam mostrar um caminho retilíneo para uma resposta intrínseca de suas dúvidas. Devido a isso, ele conclui que se deve entender quais são os limites da razão antes de tentar conseguir uma resposta para uma questão metafísica.

As ideias de Kant sobre a metafísica influenciam estudos do assunto até hoje. Definitivamente, esse pensador possui fundamental importância para os conhecimentos metafísicos atuais. Um outro aspecto a ser ressaltado sobre a visão do filósofo é o intermédio feito por ele entre a dicotomia empirismo-racionalismo. Esse intermédio é colocado em prática por meio da corrente filosófica do criticismo, a base de toda a filosofia kantiana.

A forma que Kant usou para lidar com os benefícios do empirismo e do racionalismo foi desenvolvendo uma teoria do conhecimento que age de maneira cronológica. Para ele, primeiramente devem ser utilizados para encontrar a verdade os sentidos e as experiências, que nos passam a ideia geral do funcionamento das coisas. Entretanto, para apreender o sentido completo delas, é necessário usar a razão para interpretar e organizar as informações obtidas anteriormente.

Por fim, Kant descreve a necessidade de encontrar um senso moral absoluto que sirva para todas as pessoas, povos e culturas. Ele desenvolve, então, os conceitos de imperativo hipotético e categórico e formula as próprias afirmações de preferência acerca desses dois. O imperativo hipotético é aquele relacionado às paixões, ou seja, tendo um objetivo próprio com a ação que não o senso de dever ético. Sendo antagônico ao primeiro, o imperativo categórico age com base na razão pura, lidando com o que deve ser feito para que os benefícios da ação caiam sobre todos. Kant fala, ainda, que deveríamos agir de forma que as nossas ações pudessem ser transformadas em leis universais que ajudassem no progresso moral de nossa sociedade.

Immanuel Kant era um homem que buscava responder de forma certa e achar um modo de solucionar os problemas éticos da sociedade. Segundo o filósofo, devemos fazer apenas o que poderia ser bom nos mais diversos contextos políticos, sociais e culturais. Com essas informações, poderia se assumir, por exemplo, que omitir um fato é algo ruim, pois, se aplicado a contextos diversos, poderia gerar consequências extremamente prejudiciais ou, até mesmo, nocivas às pessoas. Porém, essa conclusão alcançada por ele é algo que promove muitos questionamentos e contradições quando aplicado em contextos alternativos. Por exemplo: omitir um fato pode, de certo modo, influenciar na preservação da vida.

Após alguns anos, a filosofia chega a um momento importante da história, o século XIX, momento em que Friedrich Nietzsche escreve uma dissertação e defesa das paixões humanas com uma percepção muito diferente da verdade. O poeta, filólogo, compositor e filósofo, Nietzsche defende, em suas obras, a relação da verdade com as linguagens, metáforas, antropomorfismos e metonímias. A conexão entre o sujeito e a razão é esquecida por muitos filósofos que, por uma espécie de distorção interpretativa, passam a pensar que a razão é a única forma para se alcançar a verdade quando ela, pelo contrário, é inalcançável.

A oposição de Nietzsche é ao dogmatismo que considera o espírito apolíneo, relacionado à razão, superior ao dionisíaco, relativo aos sentidos e às paixões. O motivo disso se encontra na necessidade do equilíbrio entre esses opostos e na falta de racionalidade em certos aspectos da metafísica, considerados certos e determinados. Isso contribui com a rejeição de características instintivas humanas, desnaturalizando-o com o passar do tempo e tornando a busca pela verdade, em todos os sentidos e contextos concebíveis, limitada.

O problema com isso é que o ser humano esquece sua própria posição em meio ao mundo que o cerca. Aprofundando, Nietzsche era um existencialista e não acreditava que um sentido intrínseco e lógico existia. Muito pelo contrário, defendia que o universo possuía o espírito apolíneo e dionisíaco em equilíbrio, e que um pensamento contrário a isso era meramente ilusório e ingênuo, cego pelo próprio egocentrismo. Assim, a parte epistemológica de sua filosofia conclui-se com a constatação de que a humanidade perdeu a linha de seu pensamento e ignorou o fato de que tudo o que temos para decifrar o universo são palavras.

A linguagem não é uma reflexão da realidade, e sim uma analogia dela. Essa é a confusão que Nietzsche afirma ser o ponto central das discussões sobre todos os conceitos já criados para se referir à verdade. Essa ideia de que o discurso reflete a realidade é prejudicial por ser uma pura distorção do conhecimento, uma vez que as palavras não passam de metáforas criadas a fim de que as pessoas cheguem o mais próximo possível a uma identificação clara de elementos e de ideias. Enfim, como é possível alcançar o conhecimento sem antes reconhecer as limitações humanas para com ele próprio?

Nietzsche, por fim, julga o simplismo dos filósofos na busca da verdade e mostra que esse caminho possui uma grande ilusão interpretativa. Busca-se sempre uma verdade já com pressupostos morais estabelecidos, que tornam a possibilidade de encontrá-la impossível. Afinal, o que é a verdade senão mais um conceito subjetivo criado pelos humanos?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram discutidas, neste trabalho, perspectivas alternativas e antagônicas sobre a verdade, cujas veracidades ainda são impossíveis de garantir. A obtenção de conhecimento é uma das discussões mais complexas e extensas que a humanidade já viu e deve receber o máximo de foco possível de todas as áreas de estudo. O motivo para isso é que somente será possível definir como deve ou deveria ser o progresso ético da sociedade a partir do ponto em que for definido como se deve a nossa apreensão do que nos rodeia. Tudo o que pode ser garantido, por hora, é a subjetividade ainda permanente em todos os conceitos morais já criados por meio da linguagem.

Mesmo sem uma conclusão única para esse assunto de milênios de idade, é certo dizer que cada um dos pensadores que foram ou não citados aqui são de fundamental importância para compreender a realidade. Sócrates ensinou a duvidar de discursos e convicções, Platão e Aristóteles abriram margem para uma das dicotomias mais discutidas hoje em dia, os sofistas apresentaram a importância da retórica e da análise de diferentes perspectivas, René Descartes fez com que o ser humano usasse a razão com a certeza de que existe, John Locke duvidou de ideias inatas e defendeu que as experiências são o fator-chave para o aprendizado, Immanuel Kant formulou um método de avaliação de origens e limites da razão e dos sentidos, e, por fim, Nietzsche ensinou que o conhecimento não é uma metáfora da realidade. Por hora, o único ponto possível é estudar os pensamentos dos antigos filósofos e formular novas ideias para conseguir chegar à tão esperada conclusão desse assunto. No fim deste trabalho, é impossível definir o que é a verdade de forma certa, mas é inegável dizer que a resposta para essa questão será um fundamento crucial para o desenvolvimento da ética do futuro.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aristóteles. **Metafísica**. Edipro, 2ª edição. 2012.

BUCKINGHAM, Will. **O Livro da Filosofia**. Globo Livros, 1ª edição. 2010.

CAMARGO, Gustavo Arantes. **Sobre o conceito de verdade em Nietzsche**. TRÁGICA: Estudos de Filosofia da Imanência, 2008, v. 1. n. 2. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/download/24137/13380>> Acesso em: 5/6/2022

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo**. Livros do Brasil, 1961.

CASTRO, Roberto CG. **Platão contra os sofistas: sobre a retórica**. Convent International (USP) , v. 12, p. 5-14, 2013. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit12/05-14Roberto.pdf>> Acesso em: 10/4/2022

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Edipro, 1ª edição. 2018.

ENGLER, Maicon R. **A errância do filósofo platônico: dogmatismo, ignorância e aporia**. Guairacá-Revista de Filosofia, 2018, 34.2: 85-109. Disponível em: <<https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/5717/3904>> Acesso em: 10/4/2022

HAGUETTE, André. Racionalismo e empirismo na sociologia. repositorio.ufc.br, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9101/1/2013_art_ahaguette.pdf> Acesso em: 12/4/2022

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Editora Vozes, 1ª edição. 2017.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Edipro, 1ª edição. 2020.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Edições 70, 1ª edição. 2009.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. 7ª. Jorge Zahar Editor, 8ª edição. 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Edipro. 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia: ou Os gregos e o pessimismo**. Companhia das Letras, 1ª edição. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. São Paulo, Hedra. 2007.

Platão. **A República**. Editora Lafonte, 1ª edição. 2017

SMITH, Plínio Junqueira. **Por que Bacon pensa que o ataque cético ao dogmatismo é insuficiente?** Revista latinoamericana de filosofia, 2012, 38.1: 31-63. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1852-73532012000100002&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 11/4/2022

VERDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/verdade/>> Acesso em: 6/3/2022